

A Influência do Currículo Escolar na Autoconsciência Racial de Estudantes na Cidade de São Paulo



Finalista: Gabrielly Cardozo

Orientador: Ednilson Quarenta

ALEF PERETZ

Introdução:

Segundo o **Censo de 2022 do IBGE**, **56,5% da população se declara não-branca** (10,2% pretas, 45,3% pardas, 0,6% indígenas e 0,4% amarelas), mas a narrativa educacional frequentemente marginaliza suas histórias e contribuições, priorizando a perspectiva da minoria branca. Apesar das leis **10.639/2003 e 11.645/2008** garantirem o ensino da cultura afro-brasileira e indígena, a implementação é insuficiente, perpetuando uma educação que não reflete adequadamente a diversidade racial do país.

Hipótese

A hipótese da pesquisa sugere que um currículo eurocentrista prejudica a autoidentificação racial dos alunos por não refletir a diversidade étnica brasileira. Uma abordagem antirracista e decolonial, que destaque as contribuições da população negra além da escravidão, pode empoderar os alunos, valorizando suas identidades e promovendo uma visão crítica das desigualdades e do racismo estrutural. Assim, a educação pode se tornar uma ferramenta para transformação social.

Objetivos:

1. Investigar se o currículo da educação básica contribui para a autoconsciência racial dos alunos.
2. Avaliar a pertinência do conceito de decolonização como abordagem curricular.
3. Promover uma (re)discussão sobre a memória cultural dos povos étnicos no currículo escolar.
4. Examinar a aplicação das leis que tornam obrigatório o ensino da cultura e História afro e indígena nas escolas, segundo a LDB.

Metodologia de Pesquisa

- **Pesquisa Bibliográfica:** Ferreira, Pierre Bourdieu, Castro-Goméz, Ailton Krenak, IBGE, Djamila Ribeiro, Marshall Berman e outros;

“Reformular outras propostas de conhecimento não é simplesmente deixar de reproduzir as existentes, mas desprender-se dos vínculos implantados da Racionalidade-Modernidade aliciados pela colonialidade para a promoção da liberdade e para a descolonização do poder e do saber” (Emídio, 2021)

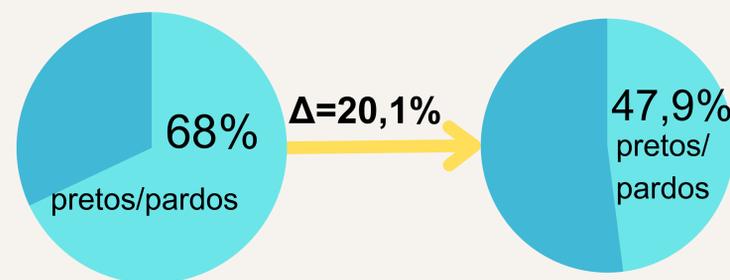
- **Aplicação do questionário: Levantamento Indiciário Sobre a Compreensão de Temas Africanos e Raciais por Alunos das Escolas Públicas de São Paulo**

Resultados:

Instrumentos de Coleta de Dados: Questionários com 11 perguntas sobre a comunidade negra e território africano.

Amostra: Cerca de 100 alunos, do 9º ano do Ensino Fundamental à 2ª série do Ensino Médio, de uma escola pública da Zona Sul de São Paulo.

Nosso Questionário Mapa da Desigualdade SP



Dia da Consciência Negra:

- 18,8% reconhecimento etnia e cultura negra → “amarelo” e “pardo”
- 43,8% escravidão → “branco” ou “não sei”

Influência Midiática

95% dos alunos sabem pouco ou nada sobre a Partilha da África

aumento do reconhecimento da “negritude” ✓

estereótipos como fome, pobreza e roupas coloridas ✗

O movimento “escola sem partido”

restringiu a liberdade dos professores para discutir racismo e questões sociais, resultando na marginalização dos temas, que passaram a ser abordados apenas em disciplinas específicas

Boa recepção do tema pelos alunos em sala de aula e percepção da importância da abordagem

“Acho que deveriam incluir mais o assunto nas aulas aplicadas no dia a dia, pois a maioria das pessoas não sabem nada sobre e não têm consciência do quanto é importante. Tendo até pessoas de origem africana que não se reconhecem”

“É pouco falado durante o ano, só falamos mesmo quando está chegando o dia da consciência negra, aí falamos mais sobre esse assunto, mas depois que passa a consciência negra paramos de falar nesse assunto”

“falam de forma excessiva pelo racismo, mas não nos fazem saber como é a cultura africana, européia, asiática, e porquê eles fazem a diversidade racial...”

“O Dia da Consciência Negra representa um dia que é memorizada todas as pessoas indígenas que se foram, tentando acabar com o racismo e escravidão”

“É muito raro falarem sobre isso, mas o nosso professor falou uma ou duas vezes, e foi muito respeitoso. Foi até legal”. “grande pobreza e cultura das roupas coloridas”